



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO – ICPD

MICHELLE SILVA CARNEIRO

**HELENA DE MACHADO DE ASSIS, O PERFIL DA MULHER NA
LITERATURA MACHADIANA**

BRASÍLIA
2014

MICHELLE SILVA CARNEIRO

**HELENA DE MACHADO DE ASSIS, O PERFIL DA MULHER NA
LITERATURA MACHADIANA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de
Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para
obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de
Letras Português/ Inglês

Orientadora: Dr^a Cinthya Costa Santos

BRASÍLIA
2014

HELENA DE MACHADO DE ASSIS, O PERFIL DA MULHER NA LITERATURA MACHADIANA.

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Letras Português/ Inglês Orientador: Prof.^a Dr^a Cinthya Costa Santos

Aprovado em _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

Livros e flores

Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?

Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?
(Machado de Assis)

RESUMO

Esse trabalho consiste na análise do romance *Helena* de Machado de Assis, de forma a abordar o perfil da mulher descrito na literatura machadiana, no período do romantismo. O interesse central é observar como a literatura ressalta a questão da mulher disponível, simultaneamente, ao trabalho doméstico e à vida em família. O trabalho questiona em que medida a protagonista é apresentada como uma mulher que se adapta aos moldes sociais do século XIX. O objetivo, deste modo, é analisar a protagonista como representação de um perfil social, de modo a introduzir e analisar a imagem da mulher nesta obra machadiana, em particular. A metodologia utilizada é a qualitativa, com pesquisa bibliográfica. O referencial teórico adotado de acordo com o pensamento dos autores citados durante a explanação da pesquisa, dentre eles, Machado de Assis, Antonio Candido, Massaud Moisés, John Gledson, Roberto Schwarz, Fernando Novais, dentre outros.

Palavras-chave: Machado de Assis, Helena, Sociedade. Perfil, Mulher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 A mulher do século XIX	8
CAPÍTULO 2 A análise da personalidade da protagonista Helena de Machado de Assis.....	14
2.1 Método de análise literária	17
2.2 Análise do romance Helena.....	18
2.2 A mulher do século XIX	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

Mediante a análise do romance Helena de Machado de Assis, este Trabalho pretende refletir sobre o perfil da personagem feminina no texto machadiano. A hipótese central é de que a protagonista submete-se à lógica do sistema patriarcal para manter-se na alta sociedade do século XIX. O objetivo do presente estudo é investigar como a protagonista reage aos desafios oferecidos pelo sistema patriarcal. Para tanto, o referencial teórico adotado é a pesquisa bibliográfica, partindo da leitura dos autores: Machado de Assis, Massaud Moisés, John Gledson, Roberto Schwarz e outros. A metodologia utilizada é a análise qualitativa.

A cosmovisão aqui vivenciada demonstra o sistema de crenças e valores numa época em que a mulher desempenha o trabalho restrito de esposa e mãe. Em toda a obra está claramente descrita o anseio da protagonista em transformar esta realidade, atingindo o ápice de uma ascensão social, sem no entanto realizar-se no amor.

O presente estudo se propõe a compreender como se dá o processo da sociedade do século XIX, patriarcal e civilizado, descrito por Machado de Assis que se torna simultaneamente escritor e narrador de sua obra. Ele descreve a personagem Helena como uma mulher com qualidades perfeitas aparentemente, mas que, na verdade, procura na posição de filha de um Conselheiro a oportunidade de ascensão social, mesmo que essa posição seja cobrada a um preço alto, como o de não poder assumir o amor pelo personagem Estácio, filho do Conselheiro.

Com a leitura do livro Helena, pode ser compreendido um ambiente harmônico com expressões e atitudes de vários personagens, mostrando personalidades diferentes com fragilidades de carácter e força no pensar de cada personagem apresentada.

A protagonista apresenta uma personalidade terna e vigorosa, quando se dá a conhecer em seu aspecto carinhoso, sincero e disposto a ajudar a todos, e a capacidade de esconder sobre seu passado, pois isso colocava em risco a possibilidade de não ter dinheiro e não poder conviver com os que tinham nascido em berço de ouro, como seu irmão Estácio. A importância do estudo desse tipo de se dá mediante a realidade de estudo do perfil da mulher do século XIX, como descreve o autor.

O presente trabalho foi então estruturado em 2 capítulos e nas considerações finais. No primeiro capítulo, são apresentadas as condições vigentes em tempos remotos, quando a mulher é submissa e, de certo modo, subjugada aos trabalhos domésticos e às ordens do marido. No segundo capítulo, abordar-se-á o anseio de liberdade, de ascensão social, o qual a Helena representa. O seu modo de ser comportado apenas nas aparências, deixando transparecer em diversos trechos a ambiguidade do seu caráter. Nas considerações finais será feito uma paráfrase com o perfil da mulher destes dois períodos com a do século XXI.

CAPÍTULO 1 A MULHER DO SÉCULO XIX

Como se comprova nos anais da história, a mulher, em tempos antigos simbolizava apenas o ideal da completa doação servil, no ambiente fechado e tradicional da sociedade patriarcal. Designada apenas para ser submissa ao seu marido, pai ou tutor, devia dedicar-se aos trabalhos femininos dentro do lar. Dentre eles cuidar do marido, dos filhos, cozinhar, passar roupa, costurar e bordar. Com o olhar abolicionista frente às diversas mudanças pelas quais a época estava passando, mulheres eram seres que ocupavam tarefas subalternas e, para além destas ocupações a mulher não podia aprender a ler, nem escrever. Era-lhe negado o direito de votar e não tinha voz e nem vez quando se tratava de decisões mais significativas no ambiente social.

Na condição de submissão ou mesmo de respeito ao patriarcado, as mulheres mantinham-se às sombras masculinas para não haver um desequilíbrio social e mantinham sua feminilidade sobre qualquer atitude de desordem a respeito da família.

Partindo da afirmação de (PRIORE 2000), sabe-se que o modelo de mulher na época medieval se retratava no bom comportamento que se esperava no despertar da sexualidade feminina, das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta dos pais. Diversos costumes vigentes na sociedade visavam diretamente abafar a sexualidade da mulher.

O homem patriarca exercia a cada dia sua possibilidade de ganhar dinheiro e fazer desse sustento o processo de conseguir algo para a família, esta, na sua maioria dependia do pai, pois a mulher não trabalhava e os filhos estudavam. Filhos que da classe burguesa, estudavam em internatos ou fora do Brasil.

Trazer o sustento para casa fez do homem um procurador de elevações de *status*, sempre envolvidos na conquista de uma posição social, ou até um título de nobreza, mesmo que para isso precisasse empenhar altos custos.

A mulher cuidadora protegia a todos que viviam a sua volta. Ela cuidava do bem-estar do marido que não se preocupava com o funcionamento da casa, nem mesmo com a educação dos filhos. Estes obedeciam não só ao pai, mas também à mãe que fazia valer todas as ordens do marido e pai dentro da família e na

sociedade.

Longo tempo foi percorrido com esta escala de valores. E é partindo desta realidade que se dá sequência a esse capítulo, no qual Helena representa a Pirâmide, associando a busca de ascensão social através da sua nova condição de filha do conselheiro Vale e o Trapézio o molde de sua personalidade diante da sociedade burguesa.

A vida urbana mudava os gostos e atitudes. Cada vez mais a sociedade burguesa se voltava para os costumes europeus, tais como: modo de vestir, de se divertir socialmente, na compra de móveis, livros revistas e muito mais. .

Dentro deste contexto, Machado de Assis com muita perspicácia consegue descrever todo o processo social do século XIX, apontando uma sociedade plena de falhas e anseios que se escondiam dentro das casas, das famílias ou na mente das pessoas. Ele fazia narrativas de contos com graciosidade e gostava de se espelhar em autores como Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar. A estes escritores ele conseguia se assemelhar em termos de qualidade e estilo.

Na literatura a mulher era apresentada também como a sociedade via as honestas, bem casadas e com possibilidades de casamento. A mulher tinha a escolha de seus maridos feita pelos pais, que sempre providenciavam um bom partido, de boa família e com posses no qual pudesse oferecer um dote significativo à família da mulher que seria sua futura esposa.

Os grandes temas machadianos são a análise psicológica e a crítica social. Embora a sociedade fosse a marca presente nas obras de Machado de Assis, o autor apresenta as máscaras sociais como ponto central do conflito de suas narrativas.

Segundo John Gledson (1998, p.19), Machado de Assis era um escritor que conhecia a filosofia e era um psicólogo da literatura humana. Ele detinha seus conhecimentos e transferia para seus livros tudo que convivia e via na sociedade do século XIX.

No que diz respeito à Helena, o tema da ascensão social, do casamento, do interesse mais uma vez exemplificam o âmbito de interesse do escritor. Por meio da observação do indivíduo, Machado de Assis dedica-se à compreensão da sociedade e dos mecanismos sutis de seu funcionamento.

A ascensão social podia melhorar a vida da família que dessa posição

usufruí e isso podia também trazer vantagens e desvantagens da possibilidade do dinheiro que era utilizado. A mudança social era objetivo da maioria das famílias que viviam na época de Machado de Assis.

O casamento era importante não só para as mulheres, mas também para os homens algumas vezes. As mulheres procuravam no casamento uma ascensão social, pois procuravam homens bem sucedidos ou em posição honrosa dentro do governo e, por sua vez, o homem procurava, na união matrimonial, uma mulher que pudesse aumentar ainda mais sua fortuna ou que fizesse dele um homem mais poderoso, satisfeito e também como escala da de vida social.

Referindo-nos às falhas de caráter, é necessário considerar o pensamento de época que forçava as pessoas a atingirem seus objetivos de ascensão social e melhoria de vida a qualquer preço. Este era também o desejo dos homens que, acompanhados de suas mulheres e família, acabavam compartilhando dos mesmos objetivos e vontades.

1.2 A postura moldada em sociedade

A personagem descrita por Machado também trata dos mesmos problemas sociais e da situação em que a mulher vivia em sociedade. A mulher também é colocada com possibilidades de fazer um bom casamento e ter a possibilidade de ter uma vida burguesa, social e rica.

Machado não só consegue observar a clareza de uma sociedade patriarcal como também é narrador de episódios, em seus livros, do que acontece com frequência nos salões da alta burguesia.

Vale ressaltar que tudo acontece de forma diplomática. Cabe à mulher envolver-se com os afazeres domésticos, considerada amável o que cabia como qualidade de mãe, nas possibilidades de fazer coisas e tarefas do dia a dia. A espera do marido para sentar à mesa no jantar, quando a família se reunia para falar dos bons acontecimentos era uma das tarefas importantes cabidas à dona da casa.

O homem tinha os afazeres diplomáticos e financeiros, trazendo sempre a possibilidade de riqueza e fartura para a família ficar confortável e feliz. Os filhos homens promissores e com possibilidades de ocupar cargos na empresa familiar e continuar o legado ou mesmo possibilidade de ocupar cargos políticos importantes.

As mulheres bem criadas, bem nutridas e bonitas eram com essas qualidades que esperavam fazer um bom casamento para construir uma família e seguir o exemplo de suas mães que procuraram um futuro digno.

Muitas vezes o casamento não era visto com amor ou a união de duas pessoas que se amavam e, sim, um contrato nupcial, a favor de unir duas famílias importantes ou duas famílias que poderiam ter um futuro importante na política.

O casamento era uma sociedade entre duas pessoas que viam na possibilidade do casamento o possível futuro de herdeiros vistosos, desejados e invejados. Por mais que houvesse a possibilidade do amor à riqueza, era o que a sociedade desejava e era dessa forma passado para seus adeptos.

Tendo como base Candido (1995), o leitor pode adquirir uma cota de romantismo bastante elevada, que o faz transferir a vontade de ler algo fora de suas realidades chatas e evasivas, para os escritores. Diante desta realidade, as pessoas que estudam as obras machadianas, não deixam de exaltar as tristezas e alegrias dos acontecimentos sociais e de cada ser. É levado em consideração a tonalidade de pele, posição social, origem e ascensão de trabalho, desprendimentos e tormentas da vida pregressa de cada indivíduo são manifestações descritas dos autores para seus leitores.

Machado de Assis e Eça de Queiroz, por não serem adeptos tanto ao aspecto político, segundo o Antônio Cândido, foram deixados à margem, sendo Eça mais naturalista e Machado neutro observando para frente e para trás da vida das pessoas mantendo um mundo escondido dentro da sua literatura humana. Perante o referencial teórico, (1995, p.3), o resultado da ação dos autores é a diversidade e a maravilhosa capacidade da sociedade ser a favor ou contra as linhas que estavam sendo lidas. Assim, os escritores seguintes a Machado de Assis, seguiram uma linha parecida e diferente ao mesmo tempo, mas vendo nele um escritor do século XIX, porém sempre estava atual em todos os tempos. A linha de pensamento seguida por ele fazia com que as pessoas interessadas em literatura brasileira seguissem sua linha de pensamento e ou criticassem os pensamentos de Machado dentro dos livros.

Na fase romântica, Machado de Assis mostra toda a sua evolução de escritor e autor de romances que narram histórias de amor, mas sempre com visão crítica da época em que vivia. Ele com muita inteligência conseguia descrever todo o processo

social do século XIX, mostrando uma sociedade cheia de falhas e desejos que se escondiam dentro das casas das famílias ou na mente das pessoas. Ele fazia narrativas de contos com graciosidade.

Autores como Almeida Garrett, Candido Jucá Filho, são exemplos de escritores que, como Machado de Assis na época do naturalismo, procuravam mostrar o belo e o abstrato ao invés da realidade. Ainda seguindo o pensamento do autor como substrato referencial, (1995, p.4), que era necessário ler Machado com um olhar não normal e sem propósito, pois sua literatura não era convencional. Lúcia Migual Pereira e Mário Matos fizeram seus olhares próprios sobre a obra de Machado de Assis, ela quis fixar em suas obras uma visão em volta da tristeza da existência e ele queria esclarecer um foco amplo da obra.

Os grandes temas machadianos são a análise psicológica e a crítica social. Embora a sociedade fosse tema presente nas obras de Machado, o autor apresenta as máscaras sociais como ponto central do conflito de suas narrativas.

Machado de Assis escrevia sobre a sociedade do século XIX, onde existiam muitos preconceitos e concessões às aparências. A literatura abordava esses temas, muitas vezes de forma sutil e velada. Na literatura, as mulheres só se sobressaem após o casamento e expressam suas opiniões através de seus maridos. O que não significava que elas não pudessem mandar nesses maridos, mas isso ocorria, por vezes, por meio da manipulação, de dissimulação e outras formas veladas de desonestidade.

Machado foi exatamente fiel a essa concepção soberana do ofício de escrever e pôde por isso, em sua longa vida, realizar-se como um tipo humano superior de deixar a melhor obra literária produzida no Brasil (Afrânio Coutinho, 2002, p.153).

Autor de conto, crônica, novela, teatro, poesia, entre outros textos sua obra perpassa o final e romantismo e consolida o Realismo no Brasil. Com suportes no teórico, Candido (1995, p.6) muitos dos contos de Machado e outros romances parecem soltos em seus finais ou com ambiguidade nas obras modernas. E, se de um lado parece acadêmico, de outro as obras machadianas e ele próprio para brincar um pouco com o leitor.

Machado concentra-se em um dos grandes autores, escritores, romancistas, de todos os tempos, mesmo sendo um homem que escreveu e publicou seus livros

no século XIX, esses ainda são muito atuais, mesmo nos dias de hoje. Mostrou a sociedade mesmo sendo imparcial e alheio a ela, procurou criticar mesmo sem ser rude ou mentiroso. Soube pontuar com grande maestria suas ideias, trazendo seu legado até os dias de hoje. Mestre de suas obras e mesmo tímido, se tornou presidente da Academia de Letras do Brasil. Para o tempo em que viveu, aprendeu muito bem a importância das palavras quando a expressão tinha que ser comedida.

CAPÍTULO 2

A ANÁLISE DA PERSONALIDADE DA PROTAGONISTA HELENA DE MACHADO DE ASSIS

O método científico é utilizado em todas as ciências, mas nem tudo que utiliza o método é ciência.

Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar objetivo,[...]traçando um caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões científicas.(LAKATOS,2003,p.83)

Segundo Lakatos (2003, p.83), desde os primórdios, as pessoas tentam descobrir trazendo a verdade das descobertas e valorizando os desafios do que precisava ser explicado. Ao tempo em que a religião ia aprimorando o conhecimento sobre os Deuses e as divindades acontecidas na vida, o homem procurava responder sobre si mesmo e o mundo. O objetivo comum em conjunto com o religioso e a filosofia norteou o ser humano com seus pensamentos em relação a toda sua existência.

Machado de Assis com muita inteligência conseguia descrever todo o processo social do século XIX, mostrando uma sociedade cheia de falhas e desejos que se escondiam dentro das casas das famílias ou na mente das pessoas. Os grandes temas machadianos são a análise psicológica e a crítica social. Embora a sociedade fosse tema presente nas obras de Machado, o autor apresenta as máscaras sociais como ponto central do conflito de suas narrativas.

Segundo substrato teórico o método científico é uma forma de pesquisa e existem algumas formas a serem seguidas para que sejam comprovadas as estratégias. Os ciclos a serem seguidos são: achar o problema; enfatizar de forma correta o problema; pesquisas de conhecimentos ou ferramentas pertinentes ao problema; tentativas de maneiras do problema com ajuda das formas para achá-lo; criação de novas ideias ou fabricação de novos fatos práticos; conseguir respostas, pesquisa das respostas conseguidas; comprovação das respostas e concertar as formas, escritos, processos ou fatos obtidos na solução errada. Os ciclos podem ser mostrados pela forma de esqueleto ou diagramas.

Método indutivo é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. (LAKATOS, 2003, p.86)

Este método baseia-se em argumentos, provando que esses são verdadeiros, após pesquisa e comprovação dos fatos verídicos que comprovam a sua veracidade. Os argumentos devem ser baseados em fontes legítimas que comprovam a sua verossimilhança. Acontecendo isso o método indutivo nessa perspectiva se torna assertivo.

Para tal, o método indutivo tem, no suporte teórico CHALHOUR (2003, p.87) com três ciclos: constatação dos acontecimentos; revelação do que há em comum entre eles; popularização do que há em comum. Sendo assim, seguir os passos é a primeira atitude a fazer para que a pesquisa se torne verdadeira. A observação, pesquisa e trajetória de tudo que se compõe a metodologia do que se quer afirmar é necessária para uma boa satisfação do produto final.

Não é interessante haver enganos nas pesquisas e para isso existem fatos que devemos seguir para evitar acontecer, assim seguindo um caminho como convencer da certeza, garantir e não distanciar dos acontecimentos e sinais da pesquisa qualitativa.

Segundo o referencial teórico, (2003, p.89) existem duas maneiras de indução, a completa e formal e a incompleta e científica. A completa não tem interesse para a ciência e a incompleta tem comprovação e os elementos são devidamente testados.

No método dedutivo, se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão será verdadeira. Toda a informação ou conteúdo fatural já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas. (LAKATOS, 2003, p.92)

De acordo com o substrato teórico, (2003, p.92) o método dedutivo tem o objetivo de responder os primeiros conhecimentos e comportamentos da pesquisa.

Dentre as diferentes formas de argumentos dedutivos, que o estudante pode encontrar em manuais de lógica e filosofia, os que mais nos interessam são os argumentos condicionais válidos. (LAKATOS, 2003, p.93)

Cada tipo de método traz a oportunidade e a possibilidade de tornar a

pesquisa concreta, viável e confiável, sendo que o que está escrito pode e deve ser acreditado e não desrespeitado. O produto terminado tem a credibilidade para poder ficar como leitura de todos. As várias formas e tipos de saber são importantes para fazer do trabalho à autenticidade do trabalho pronto.

A documentação indireta são todas as fontes e levantamento de pesquisas feitas antes de começar a escrita do projeto futuro. Segundo a autora (2003, p.174), a pesquisa documental consiste em todos os fatos e documentos colhidos para começar a colocar em prática o que será escrito. Existem as fontes de documentos, arquivos de todos, próprios, estatísticos.

Os tipos de fontes, segundo o suporte teórico (2003, p.178) são os escritos, que são as várias formas de documentos e papéis existentes para pesquisas e os outros como fotos, objetos, desenhos e outras formas mais. Também entram os tipos de livros utilizados para a pesquisa.

De acordo com Lakatos (2003, p.186), a documentação direta é a pesquisa *in loco* ou manifestações percebidas para constatação de material para poder levar a diante o que se pode escrever ou provar. O olhar também é tido como documento de uma futura harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem. Essa é a forma utilizada pela documentação direta intensiva que também usa questionários como forma de saber. E as formas informais de observação do objeto de pesquisa e as tradições que podem aparecer no tipo de conteúdo observado. “Entende-se por princípios gerais de análise literária uma primeira tentativa de sistematização e esclarecimento (MASSAUD, 2007, p.25)”.

Segundo Massaud (2007, p.25), a literatura está ligada exclusivamente às palavras lidas do autor, sendo que os outros assuntos ligados a ele serão direcionados para outras partes da literatura. Somente o que interessa ao texto será inserido à análise literária, o que está de fora não será mencionado e comentado.

Moisés (2007, p.26) fala da possibilidade de duas maneiras de examinar um texto, que a linguagem não é bom ser examinada por si só deve haver uma abrangência de sua forma e o conceito transmitido pela linguagem deve-se compor o significado do texto como um todo. A repetição das palavras não será sempre uma forma de pobreza do texto dependendo do contexto em que ela é inserida e colocada a linguagem repetida pode ser uma forma de comparação. O que se deve analisar é o todo e avaliar se é necessária ou não aquela palavra, às vezes, repetida

e ou colocado o sinônimo. Então, o examinador deverá focar sua atenção ao vocabulário do texto, mas não só sinônimos, substantivos, preposições, artigos, e sim principalmente a ação do texto. O verbo é a chave da conexão textual e também aos pontos utilizados no objeto de análise.

Como sabemos, uma palavra pode ser estudada em 1) sua estrutura fonética e morfológica, 2) em suas vinculações sintáticas com as palavras vizinhas ou 3) em sua estrutura semântica. (MASSAUD,2007,p.28)

2.1 Método de análise literária

Segundo Massaud Moisés, (2007, p.13) a análise literária consiste em conjuntos de atos pelo que se realizam ideias de uma vida real que não é único da ciência, também da filosofia, religião ou arte. Sempre o que se quer alcançar uma definição, em uma operação, matemática, uma emoção e outras coisas mais, o que é corrompido pelas fases dos alicerces, se faz a análise.

A obra HELENA mostra como o autor Machado de Assis visa à produção literária, que rompeu barreiras, a sociedade escravocrata e critica social. Nesse ínterim, ele escreve o livro no qual uma mulher é terna e vigorosa, bonita e pivô de uma trama capaz de segurar o leitor no suspense de uma boa novela. O trabalho consiste em descobrir até que ponto a complexidade da personalidade da protagonista é comum à mulher da sociedade do século XIX e quanto Machado de Assis interfere na narrativa. Ele evidencia nitidamente a elevada aspiração de uma mulher que, apesar de viver no silencioso reduto de um lar, acalenta o sonho de pertencer à alta sociedade burguesa, galgando um posto de evidência tanto para os que convivem ao seu redor, quanto para todos os seus contemporâneos.

Segundo Massaud (2007, p.28), estuda-se a palavra de forma sequencial também em uma ordem conforme seu som, sua estrutura dentro do contexto, sua estrutura dentro da frase e o significado da própria, dessa maneira é possível também saber o significado da palavra e como se é aplicada no texto. No entanto, toda a vez que se estuda é necessário sempre observar o contexto central no qual o texto está inserido, para se ter certeza que aquela determinada palavra está ali com significado puro e literário ou é aplicada com outro significado.

De acordo com o autor supracitado, mesmo analisando uma obra, não se faz

necessário julgar se um autor pode ser bom ou ruim em todas as suas obras, mesmo porque existem obras grandes e pequenas, não sendo possível a repetição não acontecer a um autor falas ou palavras acontecerão diversas vezes o que nem sempre tornará a literatura pobre ou rica.

[...] a cosmovisão machadiana é penetrada, entre outras coisas, pelo determinismo psicológico ou mitológico, pois para ele a existência dos homens estaria submetida a leis e energias sobrenaturais, que escapam a qualquer perscrutação filosófica e científica. (MASSAUD, 2007, p.32)

Massaud (2007, p.32) afirma que Machado tem, em suas obras, para quem as analisa, uma visão inteira, um olhar como um todo, as obras machadiana não devem aparecer como uma parte só a ser analisada, deve-se ver a obra inteira e aí tirar as conclusões necessárias, pois esse autor é complexo e existem palavras implícitas que só o leitor atento consegue perceber.

2.2 Análise do romance Helena

Machado de Assis é um autor onisciente intruso, ou seja, aquele que tem liberdade de narrar. Porém, apontando um ponto de vista que extrapola tempo e espaço o romance foi escrito na primeira fase de Machado de Assis, considerada romântica, que resulta em uma escrita de intenção moralizante. A ascensão social de moças pobres é concedida através de casamentos, nos quais os conflitos entre amor e conquista do espaço na sociedade são a inspiração para o desenrolar do texto.

No decorrer de toda a narrativa do texto o autor focaliza o Rio de Janeiro e seus costumes de época. Trata-se de um romance urbano que fala de um amor impossível, considerado um sacrilégio para na conceituação vigente. Inicia com a morte do Conselheiro Vale e termina com a morte de Helena, cuja carga dramática decorre da história do amor impossível, por ser proibido pela sociedade em razão dos laços de consanguinidade que finalmente se revelam. No pensamento de Candido (1995, p. 12) “movido por uma espécie de prazer narrativo que o leva a engendrar ocorrências e tecer complicações facilmente solúveis”.

A história descrita por Machado de Assis acontece em 1876, dividida em vinte e oito capítulos, através dos quais ele narra a vida da protagonista que convive com

uma família carioca daquele século, confrontado-a com os costumes do tempo. Trata-se de uma menina/mulher que, apesar de nova, com aparência de dezesseis, dezessete anos, apresenta uma maturidade de uma pessoa adulta. Ela é apresentada como filha pelo Conselheiro Vale e possui único irmão, Estácio, que a aceita na condição de irmã com felicidade e satisfação. Ao contrário, D. Úrsula, irmã de Vale e tia do rapaz, vê na nova presença de uma parenta uma ameaça para sua vida calma. A complicação a toda a trama dá-se quando a família aceita Helena dentro de casa e os mistérios vividos por ela vão tornando-se conflituosos, pois, além de não ser filha legítima do conselheiro, ela esconde outros segredos que a sociedade da época não entenderia.

A narrativa caminha para o desfecho quando Estácio, irmão de Helena, descobre que ela se encontra com um homem mais velho com frequência e, mais tarde, descobre que esse homem é o verdadeiro pai de Helena. Helena, doente, morre, e Estácio, casa-se com Eugênia, sua noiva. Esse painel da sociedade carioca traz como personagens, Helena, a protagonista; Estácio, irmão de Helena e Dona Úrsula, tia de ambos; Dr. Camargo e D. Tomásia, pais de Eugênia, noiva de Estácio; padre Melquior, Conselheiro Vale pai de Estácio.

Conforme já foi mencionado anteriormente, HELENA é o título de um livro no qual Machado de Assis trata da sociedade do século XIX. Focaliza o Rio de Janeiro e seus costumes. O livro possui vinte e oito capítulos, a história passa em 1876. Trata-se de um romance urbano que fala de um amor impossível, considerado para a época um sacrilégio. Esse romance começa com a morte do Conselheiro Vale e termina com a morte de Helena, cuja carga dramática decorre da história do amor impossível, por ser proibido pela sociedade em razão da moral e dos bons costumes.

A burguesia pagava pela fruição da obra e, ao mesmo tempo, pela imagem de si própria que nela encontrava estampada: o escritor funcionava, de modo, como a consciência da classe de que provinha e como ideólogo que lhe propunha um figurino moral, estético, etc. (MOISÉS, 2001, p.322)

Helena é uma menina, entre dezesseis e dezessete anos, filha de Dona Ângela da Soledade, e supostamente do conselheiro Vale. Ela, que foi educada em um colégio de Botafogo, com esmero e carinho, é declarada herdeira de conselheiro, apesar de filha bastarda.

Conselheiro, homem admirável da elite, que possui apenas um filho, com nome Estácio e uma irmã Dona Úrsula, mulher de cinquenta e poucos anos, solteira que vivia na casa do irmão e comandava a casa dele após a morte da esposa do irmão. Conselheiro Vale, após a morte de sua primeira esposa, manteve uma relação secreta com Dona Ângela, mulher nascida no Rio Grande do Sul, era casada com Salvador, homem que no final da História, descobre ser o pai biológico de Helena, o qual Dona Ângela abandonou por causa da condição financeira pobre. Essa herdeira, apesar de bastarda, faz de Estácio um cordado irmão que a aceita com alegria e dedicação a decisão de seu pai de deixar seu patrimônio também para Helena. No século XIX, as decisões dos pais não eram contestadas.

A família do século XIX seguia as regras do chefe da casa, o regime patriarcal não era discutido, apenas obedecido. As decisões que o chefe da família tomava, eram seguidas sem questionamentos, apenas por uma questão de respeito. Mesmo se não concordassem todos os membros do clã faziam acontecer para que o pai ou pessoa responsável, não se aborrecesse.

A abertura do testamento do Conselheiro Vale traz Helena para o convívio da sociedade burguesa. Ela mostra ser uma menina de aparência doce, frágil, bonita e inteligente. Conforme o leitor aprofunda sua leitura, contudo, observa uma personagem forte, de extrema elegância, com traquejo social e sagacidade, capaz de comandar uma casa, mesmo sendo tão jovem. No capítulo XI, lê-se:

Naquele dia fazia anos Estácio, e D. Úrsula assentara receber algumas pessoas para o jantar, e outras mais à noite, em reunião íntima. Ela e Helena tomavam a peito fazer que a pequena festa de família fosse digna do objeto. (ASSIS, 2002, p.59)

E ainda também no capítulo seguinte o autor ressalta: “Helena repartia-se entre todas as pessoas, atenta aos mil cuidados que a noite requeria. Cantou uma vez, dançou uma quadrilha, e não valsou” (MACHADO, 2002, p.62).

No capítulo nove, D. Úrsula cai doente e tem como zelosa e cuidadora sua sobrinha Helena, dedicada não saiu do lado da tia enquanto não a viu bem e sem problemas de saúde. Esta, por sua vez, assim que ficou boa, agradeceu e mudou completamente de ideia com relação à sobrinha que lhe tornou querida. Com isso o autor começa a insinuar o afeto de Estácio para com Helena que tem se mostrado um pouco arredia, porém emocionada com a presença do irmão. No capítulo dez, o

amigo de Estácio chega e vai a sua casa visitá-lo. Mendonça conhece Helena e fica na casa do amigo por mais de hora. Em conversa reservada Estácio comenta de seu casamento com Eugênia e fala da possibilidade de seu amigo criar raízes e casar-se com sua irmã. No capítulo onze Estácio comemora seu aniversário e sua irmã lhe dá um presente que para ambos torna uma querida demonstração de carinho. Ele, por admirar a beleza do gesto e de Helena; e ela, por sentir a satisfação do irmão ao recebê-la. O capítulo doze apresenta a festa de aniversário correu animada com valsa e cortejos. Helena procurava se esquivar de todos os gracejos masculinos, o que era observado por Estácio com certa satisfação. Por fim, Dr. Camargo aborda Helena com intuito de saber se viajaria com sua filha para Europa correndo o risco de Estácio não a pedir em casamento ou viajaria após os dois se casarem, já que pensava ser essa a intenção do moço e na qual queria ter certeza.

Machado descreve sobre a personagem Helena um mistério entre seu passado e seu presente e coloca questões que intrigam o leitor, a saber, qual situação está por trás daquilo descrito na trama.

Helena, que havia chegado à casa da sua nova família, como foi o pedido de seu pai, conhece seu meio irmão que lhe é apresentado por sua tia D. Úrsula. Após as devidas formalidades, Helena, que já é moça feita e bonita senta com a nova família para tomar café da manhã. E depois passa a fazer cortesias para conquistar a tia, que se mostra arredia e rude.

D. Úrsula já estava sentada à cadeira da mesa; Helena ficou à direita, na cadeira que Eustácio lhe indicou; este tomou lugar oposto. O almoço correu silencioso e desconsolado; raros monossílabos, alguns gestos de assentimento ou recusa, tal foi o dispêndio da conversa entre os três parentes. A situação não era cômoda nem vulgar. Helena, posto forcejasse por estar senhora de si, não conseguia vencer de todo o natural acanhamento da ocasião. Mas, se o não vencia de todo, podiam ver-se através dele certos sinais de educação fina. Estácio examinou aos poucos a figura da irmã. (ASSIS; 2002, p.21)

Moisés (2007, p.33) menciona que a utilidade do ensejo trabalha com algumas maneiras para se verificar a obra. A parte exterior da análise, como parte política, formas de viver em sociedade, o examinar a obra como ritmo, prosa e verso e por último a análise dentro da forma escrita como o onde passa formas e fotografia.

As relações entre a tia e a sobrinha começam a estreitar-se, é o que testemunha este trecho:

D. Úrsula sorriu também; desta vez, porém, com expressão melhor. Ao mesmo tempo, fitou-a; e era a primeira vez que fazia. O olhar, a princípio indiferente, manifestou logo depois a impressão que lhe causava a beleza da moça. D. Úrsula retirou os olhos; porventura receou que o influxo das graças de Helena lhe torcessem o coração, e ela queria ficar independente e inconciliável. (ASSIS 2002,p.24)

O curso da história continua e aparecem mais personagens, Doutor Camargo, pai de Eugênia e amigo da família, Eugênia queria se casar com Estácio, padre Melchior conselheiro da família Vale, Mendonça amigo de Estácio apaixonou-se por Helena e torna-se seu noivo. Descrito sobre os personagens restantes segue a trama e ensejo.

Estácio decide pedir a mão de Eugênia em casamento, passando a observar os gestos da moça e chegando à conclusão que perto dela ele a amava menos do que quando estava longe.

Estácio começa a sentir uma paixão proibida por sua irmã Helena. Isso, para os moldes da época, além de ser um amor impossível, era também um sacrilégio, um desejo pecaminoso e sem a menor possibilidade de ser aceito pela sociedade. Essa por sua vez, cristã e casta aceita um casamento entre o casal e este contrai o matrimônio para a eternidade.

Estácio é chamado para ser candidato à eleição, mas este não aceita, pois acha não ser apto para o cargo. Helena, ao ser questionada ao fato dá sua opinião, menciona que isso seria uma alegria para sua tia e para Dr. Camargo, pai da futura esposa de Estácio. Mas ela acaba mudando de assunto, pois isso, para a época não era considerado assunto questionado por mulheres.

No século XIX, a mulher deve-se manter em silêncio para os assuntos tipicamente femininos e Machado de Assis faz de Helena uma protagonista atuante e com potencial de argumentação. Falando nesse capítulo ainda, deve-se mencionar a sociedade atuante do século, o domínio paternalista trazendo o Brasil para o quintal das casas, as vontades, levavam a sociedade e a política manipularem seus desejos diretos. Machado de Assis dominava a fala, e todo o vocabulário usado por essa política de domínio paternalista, conseguindo escrever no romance toda ideologia das atitudes da época em questão.

No romance, a política era retratada como negligência e pouca verdade para com o povo e vínculo de promoção social. Os homens mais poderosos e a sociedade cristã eram os verdadeiros donos da situação e os que mandavam e desmandavam em tudo o que acontecia aos outros indivíduos. Trata-se do Brasil das oligarquias, que Machado sutilmente retrata.

Machado foi exatamente fiel a essa concepção soberana do ofício de escrever e pôde por isso, em sua longa vida, realizar-se como um tipo humano superior de deixar a melhor obra literária produzida no Brasil. (Coutinho, 2002, p.153)

Chega à casa da família Vale Mendonça, amigo de Estácio e este logo mostra seu interesse por Helena. Helena aceita o namoro com Mendonça e esse escreve uma carta para Estácio contando a novidade. Com a notícia que considerava inusitada, o irmão de Helena despede-se de todos, da noiva e sua família e diz que tinha assunto urgente para tratar e tinha que partir. Esse conversa com Mendonça sobre sua irmã e as intenções do rapaz para com ela.

A personagem Helena, em uma atitude de agradar Estácio, que havia sugerido o noivado à irmã, e também agradar ao restante da família e da sociedade, resolve aceitar o noivado com Mendonça, pois ela sabia que desse tipo de convenção ela não poderia escapar e por ser algo comum para as mulheres. O casamento sendo escolhido pelo parente homem responsável pelo bem-estar da família que também a faria realmente uma mulher da sociedade, respeitada, com um sobrenome conhecido e com chance de alcançar duas riquezas a sua e a de seu noivo, já que seu verdadeiro amor ela não poderia viver por questões sociais e morais.

Toda a situação é arquitetada pelo padre Melchior, que deseja um bom casamento para Helena e já a considera em idade para casar. Com o modelo de sociedade do século XIX, as mulheres casavam-se muito novas, sendo os pais ou responsáveis masculinos a escolherem seus pares, e esses por sua vez, escolhidos com esmero e paciência, pois tinha que ser homem com posição social e de boa família.

A protagonista como já não possui pai, apesar de haver um irmão mais velho que a assessorava e a apoiava, o padre entra como uma figura paterna, moralizadora e de certa maneira, tutora, pois, no século XIX, era comum padres

serem pessoas próximas das famílias, com direitos de questionamentos, decisões e até mesmo atitudes de membro social. O padre Melchior entra nesse caso com essa função, para que pudesse afastar qualquer possibilidade de Helena, não se casar e ou ficar com reputação desonrada.

Para Quintaneiro, (1995, p.96), as meninas brasileiras viviam quietas em casa sobre o poder paterno até a hora de suas mãos serem entregues para seus maridos. A mulher mal havia crescido, mal passou pela fase de criança e já tinha que pensar no casamento e na vida em família.

A certa altura do romance, Estácio queria fazer uma surpresa para a tia e a irmã e deixou uma carta bilhete antes de sua partida. No capítulo dezesseis, aparece que Helena ainda olhava a carta deixada por seu irmão antes de partir em viagem. Após sair e deixar a casa vazia chegou para confortar esse vazio Mendonça que mostrava grande afeto e desejo de ter Helena a seu lado. Em conversa com o Padre Melchior, Helena pergunta-lhe se o amigo de seu irmão seria a melhor escolha para se casar. O padre que já almeja isso para a garota, concorda e devolve com resposta positiva. No capítulo dezessete, Helena aceita o namoro com Mendonça e esse escreve uma carta para Estácio contando a novidade. Com a notícia que considerava inusitada, o irmão de Helena despede-se de todos, da noiva e sua família e diz que tinha assunto urgente para tratar e tinha que partir. Esse conversa com Mendonça sobre sua irmã e as intenções do rapaz para com ela.

Em conversa com Helena, Estácio demonstra desgosto com a notícia de seu casamento com Mendonça seu melhor amigo. Mas o que ele não podia falar era o amor que sentia pela irmã e ela a ele do seu amor. Essa passagem acontece no capítulo XVIII na página 94:

- Não há remorso, não há pesar onde não há esperança, redarguiu o padre. Helena aceita Mendonça por espontânea vontade; e conheço-a tanto que não acho já possível que ela recuse. Salvo o meu consentimento. - é claro; mas por que o não daria?- Porque não desanimo de descobrir a pessoa a que Helena entregou o coração. Talvez ela ache impossível àquilo que é simplesmente difícil. Demais, não esqueçamos que Helena mal tem dezessete anos. - Valem por vinte e cinco.(ASSIS; MACHADO,2002,p.94)

No século XIX, a mulher era o tema recorrente na literatura. Uma mulher que criava fascínio e admiração, mas principalmente no aspecto imagem feminina, preferencialmente a mulher subjugada às vontades masculinas. A protagonista

mantém uma percebida integração na família, causando um duplo anseio, pois queria alcançar o amor de Estácio e também o desejo de ascensão social. O amor de Helena por Estácio, seu irmão, não era um amor fraterno e, sim, de homem e mulher e, ao mesmo tempo, ela não assumia esse sentimento, lhe revelando toda a verdade, com medo de voltar à pobreza ou, no mínimo, perder a posição de mulher de alta sociedade para uma mulher normal. Essas frustrações a levam a uma profunda tristeza e à morte.

Então, diante de tal situação, Helena, que poderia romper barreiras e libertar seus sentimentos, se reprime, por medo de ser descartada da casa que já sentia sua, da vida de seu amor que já possuía uma noiva e da sociedade, na qual não seria mais filha bastarda do Conselheiro Vale e sim mulher comum e filha de uma pessoa qualquer. Ela que vivia em uma sociedade patriarcal preferiu ceder aos luxos da vida social a procurar viver os devaneios de seu coração, pagando com sua vida a tristeza de sua escolha.

Em meio a uma sociedade altamente patriarcal, a mulher tinha como papel uma personagem coadjuvante nas histórias e fatos, sendo reconhecida apenas como aquela que aceita e acata as ordens masculinas.

Na obra, em um determinado momento, após tudo resolvido, mesmo a contragosto do irmão, Helena consegue, enfim, aceitar Mendonça como noivo, para alegria da tia e do padre Melchior. Estácio não conseguiu dormir cedo e acordou antes do raiar do dia vendo Helena sair com o pajem. Ele, assim, foi seguir sua irmã e descobrir o que se passava com ela. Estácio entra na casa onde sua irmã sempre visita um velho senhor e conversa com ele tentando arrancar-lhe algo que matasse sua curiosidade e o que levasse sua irmã aquele local.

Para obedecer a uma decisão de seu pai, Estácio reprime seu amor por Helena, mesmo não querendo seu noivado, concorda, porque sabia que seria isso o desejo do Conselheiro, mesmo falecido a vontade dele era o que prevalecia da Tia e do padre. Estácio sabia que o melhor para Helena seria um bom casamento. No capítulo XVIII na página 118, se lê:

Não casar foi algum tempo o meu desejo; não o é hoje, desde que você, titia e o padre Melquior ambicionaram ver-me casada e feliz. Para obter a felicidade, além do casamento, escolhi pessoa que me parece capaz de dar a paz doméstica e os melhores afetos de seu coração (ASSIS; 2002,p.118).

Helena faz uma escolha para agradar a todos e não a ela e essa escolha não para acalmar o coração da protagonista e sim para satisfazer a felicidade da sociedade que já estava preocupada com a vida da menina que ainda não havia conseguido um pretendente.

A personagem Helena, por questões pessoais e até mesmo emocionais cede e faz todas as exigências de que uma sociedade patriarcal é dita. Ela reprime seu desejo de estar afetivamente ligada a Estácio, abafa seu segredo para não perder o prestígio social então, aceito um casamento imposto por um membro que não era de sua família, só pelo simples fato de ser um padre. O trecho do capítulo IX na página 72 fala:

Helena, disse ele, você ama. A moça estremeceu e corou vivamente; olhou em volta de si, como assustada, e pousou as mãos nos ombros de Estácio. Refletiu ela no que disse depois? É duvidoso; mas a voz, que nessa ocasião parecia concentrar todas as melodias da palavra humana, suspirou lentamente. Muito! Muito! Muito! Estácio empalideceu. A moça recuou um passo e, trêmula, pôs o dedo na boca, como a impor-lhe silêncio. A vergonha flameja no rosto; Helena voltou as costas ao irmão e afastou-se rapidamente. (ASSIS; 2002, p.72)

No capítulo vinte e dois, Estácio descobre o segredo de Helena e fica sabendo que ela não é sua irmã de sangue e que o homem a quem ela visitava era na verdade seu pai. No capítulo vinte e três, Estácio vai pedir conselhos ao padre e fica muito triste com a dúvida do sentimento de irmão que tinha por Helena e a descoberta que poderia agora tê-la como mulher e esposa.

No capítulo vinte e quatro, Helena com vergonha não consegue sair do quarto e só conseguindo falar com o padre quando esse chegou a sua casa. No capítulo vinte e cinco, é esclarecida toda a verdade do passado de Helena, trazendo lembranças dolorosas e deixando a todos sem palavras.

No capítulo vinte e seis, Salvador deixa tudo claro e fala a Estácio que seu pai era homem honrado e que nada soube dele e que somente Ângela, mãe de Helena o visitava e esta que também sabia da vida de seu pai. O capítulo vinte e sete aborda que Helena foi obrigada a obedecer a seus pais e por isso se manteve em segredo e, além disso, foi uma verdadeira filha para o conselheiro. Naquele momento ela não sabia o que fazer e não ia contra as ordens e vontades de sua família. O capítulo vinte e oito narra que, com tanta dor e vergonha, Helena cai enferma e morre. Estácio continua noivo de Eugênia e o fim acontece.

A época reverenciava costumes e maneiras de uma mulher que parecesse recatada e com pouca vivacidade. A mulher que se posicionava frente as mais diversas situações e de comportamentos fora dos padrões era abominada.

O feminino era somente o belo, a partir do momento em que a beleza física se destacava em detrimento a qualquer outro aspecto que pudesse ser relevante, como a sabedoria ou habilidades consideradas masculinas.

E qualquer ser feminino que tentasse sobrepor a esses aspectos incomodava a sociedade e era colocada a situações vexaminosas e constrangedoras.

O casamento no século XIX era uma instituição fechada e com princípios impostos às regras masculinas. Dentro dele a mulher possuía poucos direitos e muitas obrigações, principalmente no que tange a responsabilidades com a casa, os filhos e o marido. Seus direitos se limitavam a cumprir regras.

A situação de uma mulher morando sozinha com um filho, por exemplo, pode ser o efeito de vários acontecimentos. Casou-se, teve um filho, depois separou – se ou ficou viúva e ainda não voltou a casar-se ou nunca o fará. (NOVAIS, 1998, p.413)

Relações amorosas femininas eram permitidas apenas a relacionamentos estáveis e previstos pela sociedade como saudáveis, porém, no que se trata do papel masculino nessas relações, muito era permitido em uma sociedade, inclusive permissiva. O homem não precisava cumprir com regras de fidelidade e mesmo não lhe era permitido que dividisse com a mulher os afazeres domésticos. No capítulo II na página 23 fala:

O conselheiro, se lhe descontarmos a única paixão forte que realmente teve, a das mulheres, não lhe acharemos nenhuma outra saliente feição. E autor continua a narrar no capítulo XXV:

Não foi a riqueza que a seduziu; ela iria, ainda que tivesse de trocar a riqueza pela miséria. Ângela nasceu metade freira metade bailarina. [...] uma paixão nova e delirante a havia guiado. Um dia resolvi ter com o protetor de Ângela. A notícia que me deram do conselheiro Vale era a mais honrosa do mundo (ASSIS; 2002 p.23).

A mãe da protagonista, para ter e oferecer para filha uma vida melhor resolveu assumir uma vida adúltera. Esta vida que tinha mau agouro, pois vivia com um homem casado e escondida. Mas o conselheiro em nenhum momento foi enganado. Ele só assumiu uma menina de uma mulher pela qual ele se apaixonou.

Vale lembrar que o século XIX foi marcante na sociedade brasileira que sofreu transformações significantes através da culminância do capitalismo, resultando na ascensão da burguesia e as mulheres deixando os afazeres do lar para se inserirem no mercado de trabalho.

A família era um dos maiores objetivos femininos, passando a fazer parte da sociedade como mulher respeitável aquela que era casada. As casadas com filhos eram quase um modelo de purificação. Mas no século XIX esse cenário começa a mudar.

Fernando Novais, (1998, p.415) diz haver mudanças no campo do matrimônio, as pessoas se separando e outras tendo uniões sem ser legalizadas.

O homem dessa sociedade se desestabiliza e passa a ser obrigado a entender a mulher como um novo ser, com vontades próprias, que ocupa seu espaço desempenhando novas funções e adquirindo novas vivências. Em suma, a mulher apenas se mantinha como coadjuvante na sociedade do século XIX.

Machado de Assis, como escritor do século XIX, e Helena sendo uma narrativa ambientada principalmente no ambiente doméstico, apresenta passagens que mencionam, criticamente ou não, esses contrapontos da sociedade patriarcal e repleta de preceitos e preconceitos sobre a mulher e sua condição feminina. No capítulo VI na página 43, fala:

Não é livro para moças solteiras. –Não creio que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo caso, li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria... e confesso que tive desejo...[...] – O desejo de aprender a montar a cavalo, concluiu Helena.(ASSIS; 2002,p.43)

Em um dos capítulos anteriores, o autor narra que Helena é achada em algum dos muitos livros que ela lê. Ela não é tola; quer prender-nos por todos os lados, até pela compaixão. (MACHADO, 2002, p.53)

A alta progressividade nos índices de escolaridade entre as mulheres e seu ingresso no mercado de trabalho pode ser evocada como determinantes do aumento de idade ao casar (NOVAIS, 1998, P.417).

No romance D. Úrsula era uma mulher que seguia os costumes da época como uma imposição a ser seguida pelos demais e respeitada, entendia e aceitava

as leviandades masculinas como algo no qual não podia ser contestado e deveria ser entendido.

A ela foi dada a notícia sobre uma aventura extraconjugal do Conselheiro que gerou uma menina, Helena, criando um desequilíbrio na suposta harmonia a que acreditavam viver, ela e Estácio. Machado é, pois, é um cronista de costumes.

Como o autor vive toda a transformação da sociedade em que está inserida a personagem Helena carrega a carga dessas modificações e seu olhar para com ela é de uma personagem que enfrenta essas dissoluções da estrutura familiar patriarcal.

A satisfação do médico precisava do silêncio e do recolhimento para apreciar-se. A mulher do Dr. Camargo, [...] olhos diferentes do marido. O que ela sobre tudo via, eram as vantagens morais da filha. Camargo [...] não amou a mulher; casou porque o matrimônio é uma condição de gravidade. (ASSIS; ,2002,p.93,94)

A preocupação do pai de Eugênia com Estácio era além do casamento o poder político e cargo que o rapaz poderia ocupar e a mãe a ascensão causada pela união. As uniões do sistema patriarcal visavam o bem-estar social de ambos e a projeção futura desse casal perante o bem-estar causado na família.

Helena inicia sua trajetória na narrativa como filha de uma mulher separada de seu marido, um caso pouco peculiar para os costumes da época, porém como desejava ascensão social aceita ser mencionada como filha legítima no testamento de seu “suposto” pai. Uma mulher que causava conflitos, usando suas relações afetivas para tirar proveito das situações.

Quer dizer, perguntou ela, que se eu fosse vítima de um desastre, não faltaria quem o imputasse a minha família?--- Justo. --- Singular gente! Não há de ser tanto assim... Pois se eu me lembrasse—é uma suposição --- se eu me lembrasse de deixar a vida por aborrecimento ou capricho, seria você acusado de haver-me propinado o veneno? Não há melhor modo de me fazer evitara morte (ASSIS; 2002,p.50).

Na narrativa de Machado de Assis, ficam evidentes as atitudes ideológicas e críticas de Helena no momento em que o personagem central em toda a narrativa é o próprio narrador condicionando sua visão patriarcal de fatos amorosos e negativos da figura feminina, que usa situações conflituosas para atingir seus objetivos,

calculando cada um de seus passos em prol a sua ascensão. Como na passagem da festa.

Helena repartia-se entre todas as pessoas, atenta aos mil cuidados que a noite requeria. Cantou uma vez, dançou uma quadrilha, e não valsou. Em vão Mendonça insistia com ela. A moça desculpou-se dizendo que a valsa lhe fazia vertigens. Na opinião do filho do coronel esta razão encobria somente a ignorância de Helena. Estácio pensava antes que era a castidade selvagem da irmã que lhe permitia o contato de um homem, ideia que lhe fazia bem ao coração.(ASSIS; 2002,p81.)

O foco indutivo se faz presente construindo a história do ponto de vista de um narrador que tudo conhece. O narrador é o intermediário privilegiado no contexto entre o público e o fato narrado.

Assim a heroína machadiana vale-se de recursos e estratégias para valer de obstáculos impostos por aquela cultura. Segundo Leite (1989, p.36) a narrativa onisciente aparece de forma disfarçada, indiretamente, com certo drama, mas aparece.

A voz do narrador onisciente elucida esses subterfúgios nas seguintes cenas. Mas, nesse trecho, por exemplo, a protagonista revela-se mais segura de si:

Mas a asa do tempo leva tudo; e ao cabo de três dias já fisionomia trazia menos sóbrio aspecto. O olhar perdeu a expressão que primeiro lhe achou o irmão, para tornar-se o que era naturalmente, mavioso e repousado. A palavra saía-lhe mais fácil, seguida e numerosa; a familiaridade tomou lugar do acanhamento. (ASSIS, p.29)

Helena lê um livro impróprio para moças solteiras. Isso destaca a ambiguidade sempre presente no seu comportamento, nunca perfeitamente comportada.

No dia em que ela pode sair do quarto pela primeira vez, Helena deu-lhe o braço e levou-a até a sala de costura e das reuniões íntimas. Estácio amparou-a do outro lado. Ali chegando, foi ela sentada numa poltrona, Estácio abriu um pouco a janela para peneirar, além da luz, um pouco de ar. D. Úrsula respirou à larga, como lavando o pulmão com aquela primeira onda de vida. Depois, segurando as mãos de Helena que ficara de pé ao seu lado, fê-la inclinar a frente, e imprimiu-lhe um beijo longo e verdadeiramente maternal. Estácio aproximou-se; aquela manifestação encheu-o de júbilo. - Bem merecido beijo! Exclamou ele. Helena foi um anjo em todo esse tempo. - Bem sei, retorquiu D. Úrsula; foi um verdadeiro anjo foi mulher, mãe e filha obrigada Helena; pode ser que a medicina tenha ajudado a cura, mas o principal mérito é só teu. Helena abraçou-a convalescente (ASSIS,2002,p.)

Esses dois trechos remetem à definição de Helena como uma mulher machadiana que usa de artifícios femininos para se inserir no contexto da família burguesa. Helena retrata a família patriarcal brasileira que possui elementos antagônicos que chocam e revelam uma estrutura familiar com valores que estão sendo transformados assim como a sociedade da época se vê em transformação.

Os supostos laços consanguíneos de Helena e Estácio, mesmo depois de desatados, remetem a um amor impossível e condenável aos olhos da sociedade tendo como a morte de Helena a única possibilidade de solução para resolução dos sentimentos amorosos dos envolvidos.

Enfim, Helena é uma personagem que passa as formações da época, mas acaba refém de sua própria escolha, como os romances machadianos em que há o confronto entre a tradição e o desfalque da obra em para as representações simbólicas da consciência dos personagens.

Em concessão de autor do modelo dito “romântico”, Machado de Assis, escreve no livro Helena um final infeliz. Analisando o perfil da protagonista, é percebida uma integração parcial na família, causando uma dupla frustração, no amor não alcançado e o desejo de ascensão social.

Helena poderia ter evitado essa morte se houvesse enfrentado os seus desejos de mulher e não ouvido seus sentimentos de sociedade, no qual, a mulher só poderia ter alguma posição se nascesse em berço de ouro ou se casasse com homem rico.

2.2 A mulher do século XIX

Com o olhar abolicionista e as diversas mudanças que a época estava passando mulheres eram seres que tinham como papel a vida doméstica e o objetivo de acompanhar o marido, pai ou tutor, pois não tinham maior autoridade que a criação de filhos, irmãos ou familiares que dentro de casa viviam.

Mary Del Priore no livro que ela organizou, fala que o estereótipo, o bom modelo, o comportamento que se esperava no despertar da sexualidade feminina. [...] Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais [...] de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina [...]. (PRIORE, MARY DEL, 2000, p.45)

Essa condição de submissão ou mesmo até de respeito ao patriarcado, as mulheres mantinham-se as sombras masculinas para não haver um desequilíbrio social e mantinha sua feminilidade sobre qualquer atitude de desordem a respeito da família.

O homem era o mantenedor da família e tinha a esposa como total cuidadora da ordem social, familiar e maternal. Ele produzia a possibilidade material e a mulher produzia a vida doméstica.

Segundo Raimundo Faoro, as colocações sociais não possuem proprietários, existem as pessoas que hora estão em um patamar acima e outras estão em uma posição abaixo.

Sendo assim, o homem queria ser barão, comendador, juiz, político ele poderia ser dependendo da sua posição social ou dinheiro, a única que as pessoas não se atreviam era imperador, essa posição só nos sonhos era possível na realidade só hereditariamente acontecia.

[...]burguesa[...] Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade.(PRIORE,MARY DEL, 2000,p.223).

A mulher tornara-se o esteio dos filhos e marido, o homem cuidava da parte burocrática e financeira e a esposa cuidava da educação dos filhos, da casa e de ser dona da casa. Enquanto a burguesia se instalava na cidade, que antes eram colônia e agora cidade em ascensão, as práticas sociais tornou-se cada vez mais comum.

A mulher como cuidadora tinha que manter os filhos e o marido em situação confortável de acordo com a moral e os bons costumes da época do século XIX. Elas eram mães, esposas, mulher, filha, bem todas estavam atrás da posição social em que se encaixava o marido. A mulher que cuidava de tudo era para trazer um bom lar, um bom comportamento e uma boa postura perante todos.

A mulher cuidadora trazia o cuidado para com todos que estavam a sua volta. Ela cuidava do bem estar do marido que não se preocupava com o funcionamento da casa e nem com a educação dos filhos. Os filhos procuravam obedecer não só o pai que colocava o sustento dentro de casa, mas também a mãe que fazia valer todas as ordens do marido e pai dentro da família e na sociedade.

Os portugueses que antes aqui viviam passaram as habilidades e as

heranças de um mundo europeu. Esse mundo agora era cada dia mais consumido pela burguesia do século XIX, tudo girava em torno do patriarcado e a mulher era vista como mãe, procriadora a que tinha o dever de deixar os filhos e o marido em situação confortável e feliz.

A cidade mudava os gostos e atitudes e com isso a sociedade também ia mudando suas vidas. Os costumes europeus vindos da França, roupas, móveis, até mesmo revistas, livros no qual mostrava a forma de vida atual da Europa.

Dentro desse novo contexto, Machado de Assis com muita inteligência conseguia descrever todo o processo social do século XIX, mostrando uma sociedade cheia de falhas e desejos que se escondiam dentro das casas das famílias ou na mente das pessoas. As falhas de caráter, pois tentavam de qualquer maneira atingir seus objetivos de ascensão social e melhoria de vida. E esses também eram os maiores desejos dos homens que acompanhado de suas mulheres e família acabavam compartilhando dos mesmos objetivos e vontades.

Os grandes temas machadianos são a análise psicológica e a crítica social. Embora, a sociedade fosse tema presente nas obras de Machado, o autor apresenta as máscaras sociais como ponto central do conflito de suas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho debruçou-se sobre a obra Helena de Machado de Assis, com o intuito de analisar como a protagonista se insere no contexto do século XIX. A hipótese se confirmou, pois a protagonista submeteu-se à lógica do sistema patriarcal para manter-se na alta sociedade do século XIX. A metodologia qualitativa foi adequada por alcançar o objetivo de fazer um apanhado geral do livro de Machado de Assis e foi possível observar a mulher social, feminina, cuidadora, bonita, submissa e perfeita.

Considerando amplamente o perfil feminino na época medieval, o estudo se propôs a compreender como se deu o processo de ascensão, através da descrição de uma jovem mulher que, no fundo do seu coração não compactuava com os preconceitos de sua época, embora fosse forçada a aceitá-los. Às vezes, um tanto ousada, ela toma atitudes inadequadas, como por exemplo, ler um livro direcionado para moças solteiras. Ela também se revela, neste aspecto, ao dar opiniões em relação ao cargo político, para o qual seu irmão foi convidado a exercer.

Em outras palavras pode-se afirmar: Machado de Assis fez de suas obras uma superior qualidade que marca o amadurecimento de um escritor de letras. Muito pertinente em seus comentários e escritos, ele acrescentou ao Realismo caminhos para uma trajetória de sucesso.

Reforçando o que já foi dito, constata-se que o autor supracitado, através desta obra não só retrata a figura da mulher do período romântico, mas, também, faz uma ponte para o surgimento do novo ideal feminino que desponta no século XX, no qual, a mulher dá o grito de independência e estabelece parâmetros, sobre os quais um autor desconhecido descreveu: o homem e a mulher devem ser iguais em dignidade e distintos no ser!

Ressaltando ainda a análise de Machado de Assis, percebe-se que ele provocou uma forma de desejo na leitura de seus livros e faz da ficção uma leve vontade de se tornar verdade, trouxe em Helena, o combustível do vigor da juventude e a carga hereditária capaz de uma mudança interna e pessoal. Ele era um escritor atual e ainda continua atual.

A análise do ambiente diegético trouxe conclusões sobre o tema do patriarcado, fazendo da protagonista uma mulher que precisou ceder diversas vezes

para conseguir seus objetivos. Reforça-se aqui o que já foi mencionado no decorrer do trabalho: agradar aos pais, à sociedade e à vontade de ascensão social. Mas, ela procurou a melhor maneira e não conseguiu alcançar seu objetivo, pois sua vida foi o preço da vontade de mudar de vida, realizando o seu sonho de amor eterno e verdadeiro.

No referente trabalho foi traçado o perfil da mulher romântica, o que possibilitou demonstrar o sistema de crenças e valores sobre a realidade que está presente no livro. A reflexão crítica da personalidade da personagem Helena particularizou as várias transformações a respeito da figura feminina e da sociedade.

A ascensão social como objeto de desejo fez de Helena uma protagonista moldada diante de situações transformadoras e reflexivas do poder feminino e suas nuances.

Helena foi uma obra machadiana que possibilitou um processo crítico avaliativo e metodológico da estrutura social do século XIX. Do mesmo modo, ela protagonizou a aurora de um novo amanhecer de libertação da mulher. Mesmo sob o final infeliz de sua morte precoce, ela deixa o exemplo de alguém que soube adequar-se ao seu tempo mesmo renunciando a consumação de sua realização pessoal no amor.

Lançando um olhar para o século XXI, constatamos que a mulher atingiu o ápice de sua liberdade total. Nas entrelinhas da obra que agora nos referimos, percebemos que, já naquele tempo o autor vislumbrava a realidade atual. Ele fez de suas obras uma superior qualidade que marca o amadurecimento de um escritor de letras. Muito pertinentes em seus comentários e escritos acrescenta ao realismo caminhos claros para uma trajetória de sucesso.

Ele abriu procedimentos literários, vistos por todos como atuais, mesmo para os dias de hoje. Estudar obras machadianas é crescer como leitor e pessoa!

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix,2006
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2010
- COUTINHO, Afrânio. **Literatura no Brasil, a Era Realista – Era de tradição** Vol. 4. São Paulo: Global,2000
- MOISES, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix,2000
- NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ,Lilia M, **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Schwarcz, 2000
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**;v.5. Ponta Grossa,2010
- LEITE, Ligia C. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática,1989
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org). **A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- GLEDSON, Jonh. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- PRIORE, Mary Del (org.); BESSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- MOISÉS, Massaud. **Análise Literária**. São Paulo Editora Cultrix,2007
- MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Editora Atlas,2003.
- MACHADO, de Assis, Helena. São Paulo. **Editora Martin Claret**, 2002.
- QUINTANEIRO, Tania, **Retratos de Mulher**. Petrópolis .Editora Vozes,1996.